


600
ANOS
MADEIRA
PORTO SANTO


Região Autónoma
da Madeira
Governo Regional

Secretaria Regional
do Turismo e Cultura
Direção Regional da Cultura

ISBN 978-972-648-245-1



9 789726 482451 >

2019

Coord. de Ana Isabel Moniz, Isabel Santa Clara, Maria Teresa Nascimento

Olhares, silêncios e imagens com palavras dentro



**Olhares, silêncios
e imagens com palavras dentro:**
para Ana Margarida Falcão

4
(1)
30
22
49

**Olhares, silêncios
e imagens com palavras dentro:
para Ana Margarida Falcão**

4
(1)
30
22
49

Coordenação de
Ana Isabel Moniz, Isabel Santa Clara, Maria Teresa Nascimento

**Olhares, silêncios
e imagens com palavras dentro:
para Ana Margarida Falcão**



Funchal – 2019

120001070

FICHA TÉCNICA

Título

Olhares, silêncios e imagens com palavras dentro:
para Ana Margarida Falcão

Autor (Coordenação)

Ana Isabel Moniz, Isabel Santa Clara, Maria Teresa Nascimento

Editor

Serviço de Publicações
Direção Regional da Cultura
Secretaria Regional do Turismo e Cultura
Governo da Região Autónoma da Madeira

Design e Paginação

Serviço de Publicações

ISBN

978-972-648-245-1

Depósito Legal

462827/19

ÍNDICE

PREÂMBULO	11
EVOCAÇÕES	13
Margarida, por José Agostinho Baptista	15
A minha Ana Margarida, por João de Melo	17
Depoimento sobre Ana Margarida Falcão – Tomando um café na Rua dos Ferreiros, por Maria Alzira Seixo	21
Ana, por Isabel Ponce de Leão	25
Carta a Ana Margarida, por Irene Lucília Andrade	27
O anjo da guarda e Largo A. N., por José de Sainz-Trueva	29
Uma carta para a Margarida Falcão, por Carlos Nogueira Fino	31
Ana Margarida: O seu nome brilhará sempre na escuridão dos tempos, por João Carlos Abreu	35
Um sorriso, uma presença: a escritora, a colega e a amiga Ana Margarida, por João David Pinto Correia	39
Ana Margarida Falcão – evocação muito breve, por Urbano Bettencourt	45
Margarida ou a vontade de contar histórias, por Francisco Clode Sousa	47
Conversas reinventadas, por Rita Rodrigues	49
Dos olhos que sorriam lindamente..., por Lélia Nunes	53
Contra-regras, por Onésimo Teotónio Almeida	57
Memória elegíaca por uma amiga, por José Viale Moutinho	63
Versos para Ana Margarida, por Maria Emília Osório de Castro	65

O silêncio de Deus, por Brígida Ferreira	69
PARCERIAS	75
Parcerias e confluências, por Isabel Santa Clara	77
À Ana Margarida Falcão, por Ana Isabel Moniz	87
O soneto e a variabilidade do modelo: de Sá de Miranda à poesia experimental, por Ana Isabel Moniz e Ana Margarida Falcão	89
LEITURAS	103
Imagens de Ana Margarida Falcão (1949-2016) na imprensa e no meio cultural madeirense: elementos para um retrato, por Thierry Proença dos Santos	105
O Largo ou o percurso de um habitante, de Ana Margarida Falcão. Contos, rituais e metamorfoses, por Celina Martins	117
Travessia para uma Humanização ou O Largo de Ana Margarida Falcão por Maria Emília Osório de Castro	129
DEDICATÓRIAS	133
Nos trilhos dos livros e do imaginário infantil, por Leonor Martins Coelho	135
A Bipolaridade da Linguagem da Sexualidade. Subentendidos, Piropos, Palavrões e Outros Elementos Linguísticos, por Helena Rebelo	143
Dionísio de Halicarnasso e a composição literária, por Joaquim Pinheiro	161
A paródia da Commedia em tempos de crise: As Viagens no Sistema Planetário (1875), de Patrocínio da Costa, por Manuel Ferro	167
D(o)adora de Afetos por Naidea Nunes Nunes	179
OUTROS RASTOS	191
O TEMPO CONTADO	199

Julgo que não estamos de passagem. Viemos para ficar.

De passagem está-se vindo de um tempo para outro tempo, de um lugar para outro lugar, de um sentimento para outro sentimento de um modo para outro qualquer.

Não julgo que não estamos de passagem. Ficámos, quietos, parados, imóveis no tempo e no espaço, desde o momento preciso do nascimento, até à repetição exacta desse momento pela morte.

Ana Margarida Falcão (inédito)

1. A escolha deste tema para homenagear a nossa saudosa Ana Margarida Falcão resulta do facto de, em várias ocasiões, ter percebido a sua paixão pela literatura e pela análise literária, bem como pela actividade lectiva. A Ana Margarida Falcão dedicou boa parte da sua vida à arte da palavra, fosse pela leitura, fosse pela escrita ou fosse pelo ensino. Sem dúvida que o tema da composição e da escolha das palavras lhe faria muito sentido, sobretudo numa época em que a imagem parece cada vez mais ocupar o espaço da palavra.
2. Dos vinte e dois livros que fariam parte desta obra, só nos chegaram os dez primeiros, o décimo primeiro com muitas lacunas e fragmentos dos restantes livros.
3. Na parte final do tratado, DH reflecte sobre a relação entre prosa e poesia, em matérias como o ritmo e a sequência de períodos.
4. Esta obra de Teofrasto, que terá tido um papel muito importante na retórica clássica, estava dividida em duas partes: selecção de palavras e composição; Aristóteles, na *Retórica* (1404b), já faz referência a essa distinção.
5. Aristóteles, na *Retórica* 1409a-b, define o período: “enunciado que possui princípio e fim em si próprio e uma dimensão fácil de abarcar com um só olhar. (...) O período pode ser formado por vários membros ou ser simples” (para este e outros passos da *Retórica* de Aristóteles, seguimos a tradução de Alexandre Júnior, M., Alberto, P. F. e Pena, A. N., 1998); sobre este assunto, vide também Quintiliano 9.4.22, Demétrio, *Eloc.* 1.
6. A título de exemplo, referimos o trabalho de Seixo, 2010.

A PARÓDIA DA “COMMEDIA” EM TEMPOS DE CRISE: AS “VIAGENS NO SISTEMA PLANETÁRIO” (1875), DE PATROCÍNIO DA COSTA

Manuel Ferro

Universidade de Coimbra

Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos

RESUMO

O interesse da opinião pública, em geral, e da intelectualidade, em particular, por Dante no século XIX em Portugal constitui apenas uma faceta da admiração nutrida pela cultura italiana que se manifesta de modo variado na produção dos grandes autores portugueses da época; no interesse com que o *Risorgimento* é acompanhado, porventura também alimentado pela representativa delegação de liberais imigrados e residentes sobretudo no Porto; depois pela vinda de Carlos Alberto para esta cidade; e de seguida pelo casamento real de D. Luís com D. Maria Pia de Sabóia. Neste contexto, os clássicos italianos divulgam-se, traduzem-se e imitam-se. Dante é apenas um dos poetas mais admirados, citados, traduzidos e imitados, quando não mesmo parodiados. Entre a prolífica e abundante produção crítica e literária por ele suscitada, as *Viagens ao Sistema Planetário*, da autoria de Patrocínio da Costa, é uma experiência poética peculiar para a época, pelo modo como concilia diferentes vec-

tores genológicos, que de algum modo refletem o gosto literário do tempo. Se a *Commedia* serve de referente constante, além de episódios nela inspirados, com esses articulam-se outros retirados do *Decameron* e aventuras contemporâneas que denotam o prosaico quotidiano duma Coimbra da segunda metade do século XIX. E tudo de tal modo bem congeminado, que não deixa de se ter em contraponto, entre outros aspetos, o pensamento utópico da época, através de discretas remissões para títulos representativos do género.

PALAVRAS-CHAVE

Dante; *Commedia*; Camões; paródia; *Viagens no sistema planetário*; Patrocínio da Costa

Após o período do Fontismo e apesar do progresso na altura emergente, no âmbito da agricultura, a grande aposta do regime, do comércio e da indústria, se bem que neste sector ainda de importância incipiente se compararmos a situação nacional com o panorama europeu, assiste-se à afirmação e esgotamento do modelo político e económico da Regeneração. As finanças públicas durante o período do liberalismo monárquico denunciam um desequilíbrio crónico; entre as doutrinas defendidas e a prática seguida cava-se um fosso crescente; as instituições financeiras saldavam-se pela fragilidade e falta de robustez, favorecendo uma gestão periclitante da nação; o défice orçamental torna-se uma constante agravada e assiste-se a um endividamento progressivo.

Num contexto de crise generalizada, de rotativismo partidário na ocupação do poder entre Históricos e Progressistas, apesar da aparente normalidade de funcionamento com a realização de actos eleitorais regulares, que não esconde, no entanto, uma luta partidária aguerrida, mormente motivada por razões mais de índole pessoal do que de convicções ideológicas sem sentido, o caciquismo em eleições manipuladas era uma tônica constante, que sustentava uma situação política precária, incerta e contingente, conjugada com falências económicas frequentes e lides

fraudulentas, que denunciavam uma acentuada crise de valores, a que se juntava uma conseqüente corrupção generalizada, e depois a traumatizante controvérsia suscitada com o *Ultimatum* e a periclitante questão africana (Cf. Saraiva, 1983: 41-115; Castro, 1983: 209-233; Serrão, 1988, VIII e X; Serrão, 1995, IX; Reis, 1989: 123-232; Medina, 2004; Macedo, 2004: 73-111).

Não admira, por conseguinte, que, com todos esses ingredientes, o pessimismo nacional se generalizasse e conduzisse a monarquia constitucional ao abismo. Todavia, não obstante os feitos ainda praticados nas campanhas de pacificação africana, nas explorações de naturalistas levadas a cabo no último quartel do século XIX com fins científicos, mas também políticos, e dos tratados assim alcançados, entre a corrida desenfreada e generalizada dos estados europeus para a África, assiste-se igualmente à afirmação e configuração de um panteão nacional de figuras consagradas, um renovado templo da memória das glórias portuguesas, à luz da nova visão do liberalismo instalado. Se bem que o modelo estruturante das mentalidades desse panteão seja o paradigma romano antigo, segue-se de perto os exemplos recentes da Inglaterra, com a valorização de personagens de reis e poetas, e da França, mediante a respectiva apreciação dos grandes mártires da liberdade. O projecto setembrista de constituição do panteão luso faz reemergir o mito nacional de Camões, já antes elevado a essa condição desde o período do domínio filipino em Portugal (Cf. Ferro, 2004: 101-127). O Poeta volta agora a assumir-se com renovado vigor como um símbolo e um mito da identidade nacional, afirmando-se no momento alto das celebrações do tricentenário da sua morte e conduzindo, entre outras manifestações, à construção da sua estátua, que estimulou múltiplas iniciativas de carácter cívico e que foi habilmente aproveitada para a propaganda e divulgação do ideário republicano. Tal efeméride foi apenas o despoletar de uma série de celebrações motivadas pelos mais variados centenários que então ocorreram, comemorando as datas de nascimento e/ou morte de figuras marcantes da história pátria ou de acontecimentos determinantes para os anais da nação. Nas últimas décadas de Oitocentos, assinalaram-se assim os centenários do Marquês de Pombal (1882), do Infante D. Henrique (1894), de Santo António (1895), seguidos dos do desco-

brimento do caminho marítimo para a Índia (1898) e do Brasil (1900) (Cf. João, 1999; João, 2000: 124-138).

Se bem que tais momentos procurassem restabelecer a confiança e uma visão optimista, acentuando a iniciativa e a capacidade de acção da nação lusa, a fim de superarem a conjuntura negra dominante, o certo é que o país seguia igualmente de perto estratégias estrangeiras, comemorações desenvolvidas noutros países ocidentais, que alcançaram projecção internacional na segunda metade do século. Porventura, as mais empolgantes prenderam-se com o centenário da declaração da independência americana (1876), com o centenário da Revolução Francesa (1889), com o quarto centenário da descoberta da América (1892) e com as celebrações de passagem do próprio século, em 1900. Neste contexto internacional, a Itália era então um país jovem, praticamente acabado de se unificar, mas que, em contrapartida sempre proporcionara a Portugal modelos culturais de referência. Para além do mais, o interesse da opinião pública, em geral, e da intelectualidade, em particular, pela cultura italiana manifestava-se de maneira variada na produção dos grandes autores portugueses da época; no interesse com que o *Risorgimento* é acompanhado, interesse esse porventura também alimentado pela representativa delegação de liberais imigrados e residentes sobretudo na cidade do Porto; depois, pela vinda de Carlos Alberto para esta cidade; e, de seguida, pelo casamento real de D. Luís com D. Maria Pia de Sabóia. Neste contexto, os clássicos italianos divulgam-se, traduzem-se e imitam-se. A admiração por Dante constitui apenas mais uma faceta dessa absoluta rendição à cultura italiana no Portugal de Oitocentos. Apesar de, nos séculos anteriores, a ombrear com Camões se ter elegido Torquato Tasso (Cf. Ferro, 2004), quer em termos de criação poética, quer em termos de vivências biográficas, agora impõe-se a figura consensual de Dante como um dos poetas mais considerados, citados, traduzidos e imitados, quando não mesmo parodiados.

Os grandes vultos das letras portuguesas do século XIX rendem-lhe as devidas homenagens. Não abordando a manifesta admiração evidenciada por Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Oliveira Martins e Teófilo Braga, Antero de Quental propõe Dante como lição a seguir e

traduz, em 1862, a invectiva contra a Itália, do canto VI do Purgatório, além de dar a um dos seus sonetos o título de “Divina Comédia”. Sucumbe ainda ao fascínio e verte igualmente para português o episódio de Francesca de Rimini, assim como o fazem, depois dele, João de Deus e José Ramos Coelho. Em 1886 e 1887, publicam-se ainda duas traduções do *Inferno*, da responsabilidade de Joaquim Pinto de Campos e Domingos Enes (Cf. Rossi, 1973: 157-159). Mas muitos mais lhes seguem a esteira, como Giacinto Manupella demonstra na *Dantesca Luso-Brasileira* (Cf. Manupella, 1966).

Afinal, após a unificação política, a Itália reconhecera na figura de Dante o seu poeta nacional por excelência. Nas horas de desventura e, depois, nos anos do *Risorgimento*, revê-se nele como pai pátria e da cultura italiana, símbolo máximo das dores por que passou e da sua missão no mundo. O culto e o estudo da sua personalidade, bem como da sua obra, acompanham todas as etapas da história italiana mais recente. Ao longo do século XIX, assumiram até um alto valor ideológico, alargando-se ao mundo civil através dum expediente de ilustração e clarificação das doutrinas e das instituições, com dados históricos e linguísticos, mediante os quais a sua obra poética adquire em cada dia uma maior amplitude e profundidade. Desse reconhecimento resulta igualmente a fundação da Società Dante Alighieri, em 1889, destinada à divulgação e ensino da língua, literatura e cultura italianas no mundo (Cf. S. A., 1945; S. A., 1952; S. A., 1977).

Ora é precisamente neste contexto, que João Inácio do Patrocínio da Costa e Silva Ferreira (Braga, 1837 – Lisboa, 1901), mais conhecido do público da altura apenas como Patrocínio da Costa, dá aos prelos da Imprensa Literária de Coimbra, em 1875, o longo poema satírico intitulado *Viagens no Sistema Planetário* (Costa, 1875). Bacharel em Filosofia e Doutor em Ciências Matemáticas pela Universidade de Coimbra, foi docente de Astronomia e Geodesia, Geometria Analítica e Trigonometria Esférica da Escola Politécnica de Lisboa e do Instituto Industrial e Comercial igualmente dessa cidade. Para além de publicações de especialidade, dedica-se ainda à composição de dramas líricos, como *Artaxerxes*, imitado de Metastasio, e *A peste de Florença*, entre outros menos significativos (Cf. Silva, 1883, Vol. X: 279-280). Em clave

dantesca, compõe ainda *Flores de espinhos. Poesias e opúsculos. Parte I: Hermínia, Lyra metastasiana, Seductores e lisonjeiros no inferno de Dante*, no ano de 1871 (Cf. Silva, 1883, Vol. XI: 292). O gosto pela área da astronomia, aliado ao pendor poético que o inspira, levam-no a compor as *Viagens no Sistema Planetário*, que, de imediato, remetem o leitor mais instruído para um filão literário em que se inserem obras mais fantasiosas, como as de Cyrano de Bergerac, muito particularmente, a *História Cômica dos Estados e Impérios da Lua (L'Autre Monde: où les États et Empires de la Lune)*, publicada postumamente, em 1657, e a *História Cômica dos Estados e Impérios do Sol (Les États et Empires du Soleil)*, igualmente póstuma, de 1662, em que são narradas as viagens do autor até à Lua, primeiro, e, depois, até ao Sol, aí observando o funcionamento perfeito de sociedade modelares que muito poderiam ensinar aos terráqueos, e consequentemente inspirá-los, tudo harmoniosamente concebido de acordo com as linhas programáticas das utopias mais canónicas, porventura privilegiando-se como paradigma a *Utopia* (1516), de Thomas More, ou a *Cidade do Sol* (1602), de Tommaso Campanella. Neste mesmo filão insere-se o poema herói-cômico de José Daniel Rodrigues da Costa, *O Balão aos Habitantes da Lua*, de 1819, que já se afirma pelas estratégias usadas no âmbito da paródia e da crítica social (Cf. Ferro, 2013). Mas se o título do poema de Patrocínio da Costa nos remete para essa dimensão, logo ao ler os primeiros versos se apercebe o leitor mais cúmplice tratar-se mais linearmente de uma paródia da *Commedia* dantesca. Esta obra, ao tempo tão popular e do domínio público, como acima se observa, torna-se objecto da paródia¹, recorrendo à técnica de desconstrução², seja em meras paráfrases adaptadas a outras circunstâncias e personagens, seja em episódios de índole mais burlesca como os de inspiração pessoal, ou até aqueles em que se transpõe para o poema casos contidos nas novelas do *Decameron*, de Boccaccio.

Por vezes olhada com preconceito e considerada um género menor, certamente em virtude da componente jocosa, irónica, satírica, cômica ou mesmo grotesca que lhe é inerente, a paródia deve ser vista também como o resultado de um conseguido processo de desconstrução de obras consagradas, que de algum

modo correspondem aos paradigmas poéticos mais canónicos. Naturalmente que esse acto de desconstrução deve ser também entendido enquanto estratégia de reflexão, de lançamento de hipóteses, de distanciamento e, ao mesmo tempo, de identificação ou associação com ideias ou modelos, numa contínua questionação dos códigos consagrados pela obra de referência, neste caso concreto, a *Commedia*. Por conseguinte, os arremedos paródicos aos episódios contidos no poema de Dante, em particular, e na generalidade à estrutura de todo o poema, denunciam diferentes estratégias no modo de concretizarem a desconstrução do modelo literário em causa.

Dedicado a Teófilo Braga, o poema de Patrocínio da Costa conta com doze cantos em longas estrofes de decassílabos brancos. A organização do poema alicerça-se sobre a narração de uma viagem desencadeada pelo poeta/autor (segundo o modelo dantesco) através dos planetas do sistema solar e respectivas luas, acompanhado, nada mais, nada menos do que pelo poeta italiano, o próprio Dante Alighieri, aqui a desempenhar as funções de guia, no lugar antes ocupado por Virgílio.

E tudo começa em Coimbra:

*Era noite de março amena e linda,
E a lua, os claros raios espalhava,
Prateando de Coimbra alegres sítios.
[...] Para as casas suas regressavam
Meus amigos discípulos co'os cálculos
Escritos da lição; e eu fatigado
De tanta função xis, p'ra distrair-me,
Ao passeio quis ir, mesmo sozinho.
Do jardim à alameda me dirijo,
E, chegando ao penedo da saudade,
Sentei-me e a reflexões várias me entrego.*

Costa, 1875, I, I: 9

Dir-se-ia que o discurso se orientaria para uma crónica de costumes estudantis, com considerações sobre o contexto “social” da Coimbra contemporânea, insossa, mas escabrosa ao mesmo tempo, motivando a reflexão do rapaz:

*Se Juvenal vivesse, ou se o proscrito
Poeta de Florença os conheceria
Novo poema do inferno em muitos cantos
Teria d'apar'cer. Mas quem há de hoje
Acreditar que pode um viajante,
Guiado por uma alma do outro mundo,
Ir percorrer do inferno os vários círculos?*

Costa, 1875, I, IV :11

Não obstante a questão da verosimilhança, de divagação em divagação, o jovem deixa-se arrastar até à fonte do Cidral, onde um venerando vulto lhe aparece, que gradualmente se vai dando a conhecer:

*Perguntou-me ele então: não me conheces?
E eu: por essa cor morena, e ainda
Pela c'roa de louros que circunda
Tua fronte imortal, por esse adunco
Aquilino nariz, que és Allighieri,
O vate florentino, me parece.*

Costa, 1875, I, VI: 13

Depois de justificar a presença do poeta italiano em tais paragens, começa a viagem de ambos pela Lua, espaço destinado a receber as almas dos malucos; depois Mercúrio será a paragem dos ladrões; Vénus destinado aos desditosos em passados casos amorosos, agora compensados com amizades no Além; Marte, a morada dos perversos e criminosos; Letes era para os tratantes e marotos, infieis, devassos e hipócritas; Vesta, dos cínicos, malvados e perversos; Júpiter e respectivos satélites, para os eleitos; Saturno, para os invejosos, soberbos e infames; Urano, o renovado reino da asneira; Neptuno, refúgio dos grandes almirantes; e só depois lhe é permitido o conseqüente regresso à Terra. Naturalmente, em cada estação tudo se desenrola com encontros sugestivos com figuras por demais conhecidas que narram as suas histórias anteriormente vividas.

Das múltiplas personagens que desfilam ao longo do poema, de diferente natureza, como na matriz dantesca, de origem ficcional, literária e histórica, ou mesmo académica, é todo o mundo do poeta-autor, quer de âmbito local, nacional, ibérico, internacional, privado e público também, que ali se reconstitui. Necessariamente, e como seria de esperar, algumas delas são retiradas da *Commedia*. As alusões a figuras como o tirano Ezzelino da Romano, imiscuído nas lutas entre guelfos e guibelinos (Dante, *Inferno*, XII / Costa, 1875: 71); os papas Celestino V, Bonifácio VIII, Gregório VII, presentes no Canto IV (Dante, *Inferno*, III e XIX / COSTA, 1875: 72-73), emparceiram com a abordagem de personagens do *Decameron*, como Tancredi e Ghismonda, filtrados pelo melodrama de Oitocentos (Boccaccio, Jornada IV, novela 1 / Costa, 1875: 36-40); ou Simona e Pasquino (Boccaccio, Jornada IV, novela 7 / Costa, 19875: 42); e Beatrice, Egano e Ludovico (Boccaccio, Jornada VII, 7 / Costa, 1875: 97-101), além de outras figuras italianas autênticas evocadas, como Lucrecia Bórgia e Alexandre VI, no Canto IV (Costa, 1875: 70), e Galileu Galilei, no Canto VII (Costa, 1875: 126-129).

No fim, depois de tornar ao Cidral,

*[...] Alguns momentos
Depois p'ra minha casa regressava
À vida do costume, e entre outras coisas
A compor um poema co' este título:
Viagens no sistema planetário*

Costa, 1875, XII, X: 228

Com tal título, surge, por conseguinte, actualizada a *Commedia* dantesca, agora adequada ao universo de tédio e monotonia de um estudante da universidade de Coimbra do último quartel do Século XIX. Além do contexto histórico, nele se reconstituem as linhas programáticas do saber da época, retrata-se o ambiente prosaico do quotidiano de uma cidade provinciana, mas onde se assiste incontestavelmente à crescente admiração pelo poeta de Florença no ambiente académico,

tido como referência cultural, cívica e política, além de modelo a seguir e a parodiar. Sim, porque só se parodia o que bem se conhece...

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Armando de. (1983). A consolidação do novo sistema económico (1851-1890). In José Hermano Saraiva (Dir.). (1983). *História de Portugal. Vol 6*. Lisboa: Alfa, pp. 225-233.
- CASTRO, Armando de. (1983). A transformação da vida económica portuguesa (1820-1851). In José Hermano Saraiva (Dir.). (1983). *História de Portugal. Vol 6*. Lisboa: Alfa, pp. 209-223.
- COSTA, Patrocínio da. (1875). *Viagens no Systema Planetário. Poema Satyrico*. Coimbra: Imprensa Litteraria.
- FERREIRA, Paulo Sérgio Margarido. (1999). A paródia e as suas implicações didáticas. In *III Colóquio Clássico. Actas*. Aveiro: Departamento de Línguas e Culturas da Universidade, pp. 113-137.
- FERREIRA, Paulo Sérgio Margarido. (2000). *Os elementos paródicos no 'Satyricon' de Petrónio e o seu significado*. Lisboa: Edições Colibri, 2000.
- FERREIRA, Paulo Sérgio Margarido. (2000b). O significado de paródia na *Apocolocyntosis* de Séneca. In *De Augusto a Adriano. Actas do Colóquio de Literatura Latina*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2000b, pp. 361-369.
- FERREIRA, Paulo Sérgio Margarido. (2003). Paródia ou paródias? In Carlos de Miguel Mora (Coord.). *Sátira, paródia e caricatura: da Antiguidade aos nossos dias*. Aveiro: Universidade de Aveiro, pp. 279-300.
- FERREIRA, Paulo Sérgio Margarido. O tempo na paródia: anulação e efeitos derivados. In *Euphrosine*, 28, 2000a, pp. 177-186.
- FERRO, Manuel. (2004). *A recepção de Torquato Tasso na épica portuguesa do Barroco e Neoclassicismo*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- FERRO, Manuel. A Utopia sob o signo do poema herói-cómico: O *Balão aos Habitantes da Lua* (1819), de José Daniel Rodrigues da Costa, entre paródia e crítica social. In *Biblos*, Vol. XI, 2.^a Série, 2013, pp. 303-333.
- FREIDENBERG, Olga M. (1975). The origin of parody. In *Semiotics and Structuralism. Readings from the Soviet Union*, White Plains (New York), International Arts and Sciences Press, pp. 269-283.
- GENETTE, Gérard. (1982). *Palimpsestes. La Littérature au Second Degré*. Paris: Éditions du Seuil.
- GIANETTO, Nella. Rassegna sulla parodia in letteratura. In *Lettere Italiane*, XXIX, 4, 1977, pp. 46-66.
- GLEI, Reinhold F. (1995). Die Parodie als Schlüssel zur Vermittlung com 'Kulturgut'. In Dulce Estefanía y Maria Teresa Amado (ed.). *Las literaturas griega y latina en su contexto cultural y lingüístico. Colloquium didacticum classicum*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Consellería de Educación, pp. 71-80.
- GOLOPENTIA-ERETESCU, Sanda. Grammaire de la parodie. In *Cahiers de linguistique theorique et appliquée*, 6, 1969, pp. 167-181;
- GOMEZ-MORIANA, António. Intertextualité, interdiscursivité et parodie: pour une sémanalyse du roman picaresque. In *Canadian Journal of Research in Tematics*, 8, 1980-1981, pp. 15-32.
- HOUSEHOLDER, JR., Fred. W. ΠΑΡΩΔΙΑ. In *Classical Philology*, Vol. XXXIX, N.º 1, 1944, pp. 1-9.
- HUTCHEON, Linda. (1985). *Uma teoria da paródia*. Lisboa: Edições 70.
- JOÃO, Maria Isabel da Conceição. (1999). *Memória e Império. Comemorações Em Portugal (1880-1960)*. Lisboa: Universidade Aberta.
- JOÃO, Maria Isabel. Percursos da memória: centenários portugueses no século XIX. In *Camões: Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n.º 8, Jan.-Mar. 2000, p. 124-138.
- KOLLER, Hermann. Die Parodie. In *Glotta. Zeitschrift für griechische & lateinische Sprache*, XXXV. Band, 1./2. Heft, 1956, pp. 17-30.
- LELIÈVRE, F. J. The basis of ancient parody. In *Greece & Rome*, 2.nd Series, 1, 1954, pp. 66-81;
- LONGHI, Sílvia. *Propagata Voluptas: Henri Estienne et la Parodie*. In *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance*, Tome XLVII, n.º 3, 1985, pp. 595-608.
- MACEDO, Jorge Borges de. (2004). Camões – Símbolo e Mito no Século XIX Português: da Erecção da Estátua ao Tricentenário (1867-1880). In João Medina. *História de Portugal. Vol. XI: Portugal Liberal (II). Monarquia Constitucional (I)*. Amadora: SAPE, pp. 73-111.
- MANUPELLA, Giacinto. (1966). *Dantesca Luso-Brasileira*. Coimbra: Coimbra Editora.
- MEDINA, João. (2004). *História de Portugal. Vol. XI: Portugal Liberal (II). Monarquia Constitucional (I)*. Amadora: SAPE.
- PÖHLMAN, Egert. ΠΑΡΩΔΙΑ. In *Glotta. Zeitschrift für griechische & lateinische Sprache*, L. Band, 1972, pp. 144-156.
- REIS, António (Dir.). (1989). *Portugal Contemporâneo. Vol. II: 1851-1910*. Lisboa: Alfa.
- RIEWALD, J. G. Parody as criticism. In *Neophilologus*, Vol. 1, N.º 1, Groningen: J. B. Wolters, 1966, pp. 125-148.
- ROSSI, Giuseppe Carlo. (1973). *A Literatura Italiana e as Literaturas de Língua Portuguesa*. Porto: Telos.
- S. A. (1945). *Società Nazionale Dante Alighieri. Origini – Scopi – Organizzazione*. Roma: Società Nazionale Dante Alighieri.
- S. A. (1952). *La Dante Alighieri nella sua attività*. Roma: Società Nazionale Dante Alighieri.
- S. A. (1977). *La "Dante" oggi in Italia e all'estero*. Roma: Società Nazionale Dante Alighieri.
- SARAIVA, José Hermano (Dir.). (1983). *História de Portugal. Vol 6*. Lisboa: Alfa.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. (1988). *História de Portugal. Vol. VIII: 1832-1851 - Do Mindelo à Restauração*. Lisboa: Editorial Verbo.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. (1988). *História de Portugal. Vol. X: 1890-1910 - A Queda da Monarquia*. Lisboa: Editorial Verbo.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. (1995). *História de Portugal. Vol. IX: 1851-1890 - O Terceiro Liberalismo*. Lisboa: Editorial Verbo.

- SILVA, Inocêncio Francisco da. (1883) *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, Vol. X e XI
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. A Teoria da Desconstrução, a Hermêutica Literária e a Ética da Literatura". In *O Escritor. Revista da Associação Portuguesa de Escritores*, n.º 1, 1993, pp. 74-79.
- WELLBERY, David E. (1998). *Neo-Retórica e Desconstrução*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

-
1. Sobre o conceito de 'paródia', vejam-se, entre outros títulos e autores, Housholder, Jr., 1944; Lelièvre, 1954; Koller, 1956; Riewald, 1966; Golopenția-Eretescu, 1969; Pöhlman, 1972; Freidenberg, 1975; Gianetto, 1977; Gomez-Moriana, 1980-1981; Genette, 1982: 157-164; Hutcheon, 1985; Longhi, 1985; Glei, 1995; Ferreira, 1999; Ferreira, 2000; Ferreira, 2000a; Ferreira, 2000b; Ferreira, 2003.
 2. Sobre este conceito, remeto, a título de exemplo, para os esclarecedores contributos de Silva, 1993: 74-79 e Wellbery, 1998.

D(O)ADORA DE AFETOS

Naidea Nunes Nunes
Universidade da Madeira

*Poderei,
Com esta harpa de cordas tensas,
Com as pérolas
Deste colar de sons e mágoas,
Tocar o teu ouvido ou a tua alma...*

**José Agostinho Baptista,
Agora e na hora da nossa morte**

Chorava por eles e por mim mesma.

Precisava de estar só e de ouvir o som límpido e profundo das ondas do mar a bater nas rochas, sentindo o ar curador da maresia. Aí recolhida, chorei longa e profundamente, fundindo as minhas lágrimas com a imensidade da água, em união com o horizonte.

Com os olhos suspensos no vazio, parava quase inconscientemente e ficava suspensa no tempo, silenciando a visão cansada. Depois de breves minutos, voltei a mim e, antes de continuar o meu árduo trabalho, contemplei a luminosidade sempre diferente da rua que entrava pela janela, abstraindo-me do movimento dos carros e das pessoas.

Estava de férias em pleno mês de agosto, fechada no quarto a estudar, saindo apenas para ir à cozinha comer, quando não